



Editorial

A publicação BALDIO é resultado-provocado do Program de Artes Híbridas do Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri, surge como território de palavra-imagem e

hibridismo em arte e cultura.

1) A cultura é híbrida;

2) Uma atividade artística só se torna patível em híbrido de patição;

3) O cotidiano tempestade patético;

4) Toda obra deve necessariamente dialogar como cidade;

5) É urgente vagabundear pelas ruas;

6) Todo equilíbrio é instável e toda experiência é de risco;

7) É importante alternar programaticamente o regime de visualidade representativo como regime de visualidade performática. Não eleger nenhum deles, mas fazer esta baldeação constantemente...

8) O que é Baldio pode ser preenchido com lixo, comida, comentários de sentido, comêlas, parentes e declarações de permênias;

9) Baldio é território livre;

10) Promover emoção e bom dia a dia.



Açogue Sincero

Ela
 Como comida de graça
 Churrasco de casa de primo
 Os preferidos comem primeiro
 Dentes levianos no seu cupim
 Para sempre uma fila de copos quentes.
 O meu amor de sobre coxa
 O meu amor de titela
 O meu amor que cozinhará com calma
 O meu amor que não palitaria seus restos.
 Ela
 Servida como buchada
 De costura sem cuidado
 As pimentas são apenas cosméticos
 Os molhos são de sua desova
 Mastigam com pressa os filhos da puta
 Meu amor agora, bolor de massa e saliva
 Minha comida instantânea da China
 Meu caldo de nervos quentes de aço.
 Ela
 Um Fast Food no inferno
 Ovos prematuros numa chapa analfabeta
 O meu amor sem maionese
 O meu amor de mar de micro-ondas
 O combo do amor que frita.
 Ela
 Coxinha dourada de asa que voa
 Costela delícia roída no céu
 O meu amor é açogue delicado
 O meu amor é facão de corte sublime
 O meu amor é sal grosso fino de atenção
 O meu amor é carvão
 O meu amor é carvão.

Ricardo Campos



PROGRAMA ARTES HÍBRIDAS
 RICARDO SALMITO
 CAIO CÉSAR
 ROGÉ VENÂNCIO
 KAROL LUAN OLIVEIRA

UFCA PROCULT
 Pró-Reitoria de Cultura



Bate-Papo

Uri Tzaig, artista israelense, com formação em teatro, trabalha como artista multimídia, atuando principalmente com vídeo e instalação. É diretor do departamento de design têxtil da Shenkar College em Tel Aviv.

Como sair da cápsula desta cultura consumista e propor outros modelos de criação?

Quando percebemos que todos os artefatos já feitos pelo tipo humano estão conectados entre o corpo nu e o espaço de ressonância que o cerca, que todos eles estão representando sua percepção em relação à natureza selvagem ao redor – precisamos prestar atenção tanto às sinceras motivações criativas e ao mundo em que vivemos... Para conhecer os valores estéticos básicos que todos nós compartilhamos (formas, cores, proporções, harmonia etc)... Isso, eu penso, é relevante para qualquer um que associa a ideia de viver com a ideia de Criatividade, tanto para um empresário hi-tech como para um pintor de aquarelas.

O corpo do nu (em um polo) e o espaço de Ressonância (no segundo polo) permitem que o nosso corpo seja um instrumento que podemos jogar de forma mais harmônica... É a original (natural e pessoal) ferramenta da escala enquanto enfrenta o real, medindo tudo ao nosso redor e esta belecendo proporções com ele... Ela se baseia nos sentidos e na capacidade de pensar e fazer (movimentar-se)... Também refere-se ao eco claro que estamos desejando ouvir, para saber que estamos no lugar certo e, final mente, que estamos totalmente aqui.

Vivemos em um mundo com um alto grau de complexidade social, econômica e ecológica. Isto nos obriga a repensar o lugar do criador neste contexto. Como responder a este momento?

Arte, Design e Artesanato, embora sejam definidos hoje como disciplinas completamente diferentes, e como um produto de uma narrativa histórica diferente, derivam em parte da mesma fonte. Elas posicionam cara-a-cara a natureza, a tecnologia, a ciência e a cultura local e revelam sua paixão por participar, fazer um impacto, e ser relevante na viva e mutante fábrica do mundo.



Sem Título, Uri Tzaig

A separação histórica entre elas, que acompanha a história da cultura ocidental, principalmente, e serve aos seus sistemas, de fato alcançou, aos nossos olhos, tesouros mais preciosos do que ouro - mas elas sempre se opõem (o conhecimento e as realizações potenciais, não menos relevantes) ao holístico e unificador.

A história da arte, ao apresentar diferentes padrões de representação e abstração, desde a sua existência pública monumental - até adentrar nas paredes brancas do museu e da galeria, fechou o século XX principalmente com produtos comercializáveis. O Design, que demandou a sua definição inicial como parte da revolução industrial, de baixo custo e produção em massa eficiente, encontrou-se recentemente a colaborar com a cultura do consumo ostentatório, a exploração nociva dos tesouros da natureza e do homem, e concentrou-se no parque industrial poluente no fim do terceiro mundo. O Artesanato, que inclui uma longa lista de ações e atividades que se pode fazer com as próprias mãos, tornou-se especializado e profissional - que expressava mais do que qualquer coisa que a conexão com a natureza - foi posta de lado, à sombra das belas artes, agora forçado a enfrentar um novo mundo de tecnologias e materiais desprovidos de energia e escala... Assim, como o mundo se torna um órgão vivo, coletivo, que todos nós compartilhamos (consciência ecológica e sustentável, a economia global, Internet aberta e acessível), estamos quase comprometidos a clonar nossa essência e também existir em um mundo paralelo virtual/digital (contanto que tenhamos uma boa aparência na tela) - somos chamados para atualizar cada um dos valores básicos necessários para a definição das três disciplinas, e para reorganizá-las novamente dentro de um quadro harmonioso e holístico, que valoriza tanto o processo criativo do artista, o trabalhador e o meio ambiente, e também a relevância do produto no mundo (funcionalidade, presença, influência, mercado).

VAGUEAR Estar Perambular distrair-se VIAJAR 2920 MANA

Pastar Vadiar cantar marolar

espairecer VAGAR

bolgar

ZIGUEZAGUEAR

deitar-se RECREAR

Pisar

vagabundear

Malondrear

circumnagar

observar D E V A G A R

equilibrar-se

- 1 - Terminal da Praça Padre Cícero - Uns (Caetano Veloso)**
- 2 - Cemitério do Socorro - Gnosienne n.1 (Chicha Libre)**
- 3 - Usina dos Bezerra, rua do seminário - Xique-xique (Tom Zé e Arnaldo Antunes)**
- 4 - Santa Luzia c/ São Pedro - Prédios Velhos 3000 rdas (Supercordas)**
- 5 - Ponte do rio Salgadinho - Sentado na beira do rio (DJ Dolores & Santa Massa)**
- 6 - Lojas acima da prefeitura - Fechadas: Toque de colito (Siba/Sonantes)**
- 7 - Casarão esquina da Padre Cícero c/ São Francisco - Largo da segunda-feira (Erasm Carlos)**
- 8 - Prefeitura - Transumta Coração (Ava Rocha)**

As indicações numéricas das músicas estão coladas nos locais apontados, em forma de código QR. Ao ler estes códigos, o download iniciará automaticamente em seu smartphone...



NA PORTA DO BANHEIRO por Ricardo Salmito

Cotidianamente encontramos intervenções visuais em espaços públicos. Fui ali ao banheiro do segundo bloco do campus da UFCA em Juazeiro do Norte e, entre descrente no mundo e pensativo, li, em caneta azul forte na porta branca, o seguinte texto: VAMOS MATAR OS NEGOS. Mais embaixo: LIMPAR O MUNDO.

Saio assim meio pra baixo. Ler aquilo ali na universidade... Mesmo, sabendo que não há na UFCA esta distância toda espera da de outras instituições e espaços públicos. As pessoas que transpassam por ali são do mesmo universo das que estão no estádio, no trânsito ou no Congresso Nacional.

A fé na diferença da instituição de ensino é que se todos estão sob mote de educação, logo, a diminuição dos preconceitos e a possibilidade de convivência das diferenças seria mais automático. O processo de ensino-aprendizagem é palco de luta entre os pensamentos diversos, mas alguma fé no diálogo e no campo do debate me impele sempre a ver a universidade como um lugar de fazer diferença e não de se propor 'eliminar' as diferenças.

Claro que alguém pode dizer que

é apenas uma alegoria de banheiro, é detalhe, é um caso isolado. Não. Ainda sob o incômodo, pensei em fazer um evento para discutir aquela frase e o banheiro, reunir um grupo, escrever a respeito. O tempo atro pelou.

Dias depois, já meio esquecido, passo por lá. Fecho a porta e antes de sair, como um raio, dou de cara com a pichação. Estava com uma intervenção por cima da primeira, que, entre acréscimos e retiradas, dizia: AMO MATAR OS NEGOS, um monte de coraçõezinhos desenhados e escrito LOVE.

Aquele que fez a última intervenção, visualmente, conseguiu mais do que eu poderia com o meu debate ou com meu texto. Sem chateação miúda, sem xingamento de descontrolado, sem mesmo o discurso sobre os direitos humanos. Assim, aconteceu tudo apenas em operação de visualidade. Na melhor linha piegada, lembrei do Give a Peace a chance...

Atualmente, o pessoal da limpeza fez valer suas competências. Sumiu toda a visualidade. Está tudo branco. Gostava mais quando havia corações...

De qualquer forma, vamos lá, então, 'matar os egos'?

AMO MATAR OS NEGOS

LOVE